



O IMPACTO DA PANDEMIA PARA ALUNOS AUTISTAS

Instituto Metropolitano de Educação e Cultura LTDA
F.A.M.A. - Faculdade Metropolitana Anápolis
Curso: **PEDAGOGIA**

ISADORA BENTO DE OLIVEIRA XAVIER

RANIELA FERNANDES PEREIRA

Orientadora: MSc. Orientadora Carla

RESUMO: A palavra "autismo" é oriunda do termo grego *Autos*, cujo significado é Próprio/Eu e *Ismpo* que significa direção ou estado. As pessoas com autismo são afetadas por padrões comportamentais restritivos e repetitivos. Quando inseridas em cenários incomuns, tais como o cenário decorrente da pandemia da Covid-19, as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfrentam fases de adaptação mais complexa do que as crianças sem autismo, o que requer ajuste familiar, social e educacional visando buscar os serviços adequados para promover a adaptação eficaz sem prejuízos para a criança. Dessa forma, objetiva-se de forma geral, entender os impactos ocasionados pelo cenário pandêmico na aprendizagem de alunos com TEA. Para tanto, recorreu-se à revisão bibliográfica de artigos publicados no Google Acadêmico e no Portal de Periódico da CAPES. A partir deste estudo, foi possível identificar os problemas escolares vivenciados por crianças com autismo no contexto da pandemia uma vez que aprendizagem foi afetada drasticamente e a interação foi prejudicada porque a convivência com professores e outros alunos havia se tornado impedido, graças ao isolamento. A falta de um ambiente escolar afetou o cotidiano dos alunos com autismo, com consequências educacionais e sociais negativas. As atividades oferecidas e não adaptadas ao espaço familiar, e a falta de entrega do professor foram alguns dos problemas que surgiram.

Palavras-chave: Aprendizagem; Autismo; Covid-19; Isolamento; Ensino.

1. INTRODUÇÃO

A palavra "autismo" é oriunda do termo grego *Autos*, cujo significado é Próprio/Eu e *Ismpo* que significa direção ou estado. O substantivo "autismo" significa um estado ou condição que tende a se distanciar da realidade externa e uma atitude que está perpetuamente focada em si mesmo. Assim, o termo, em sentido amplo, pode ser definido como uma condição ou estado em que uma pessoa parece ser incomumente centrada em si próprio (SILVA, 2021).

As pessoas com autismo são afetadas por padrões comportamentais restritivos e repetitivos. A interação social das pessoas com autismo é prejudicada, desenvolve-se de forma atípica, sendo também influenciada por estereótipos, que são rituais e repetições, podendo ser sons, movimentos e gestos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), existem cerca de 70 milhões de pessoas com autismo em todo o mundo. No Brasil, onde o número estimado é de 2 milhões, 1 em cada 88 crianças nasce com o traço, com predominância masculina que é 5 vezes maior que a feminina.

O autismo em crianças envolve mudanças leves, moderadas e graves na socialização, comunicação e cognição (APA, 2014). E, por isso, alcançar bom acolhimento nos âmbitos da saúde, educação e lazer é ainda algo muito difícil. A criança com autismo, bem como outras portadoras de necessidades especiais são em geral excluídas e não fruem das mesmas vantagens e privilégios que outras crianças, consideradas "normais".

Quando inseridas em cenários incomuns, tais como o cenário decorrente da pandemia da Covid-19, as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfrentam fases de adaptação mais complexa do que as crianças sem autismo, o que requer ajuste familiar, social e educacional visando buscar os serviços adequados para promover a adaptação eficaz sem prejuízos para a criança (ARAÚJO; ROSADO, 2018).

É importante destacar que a COVID-19 afetou a sociedade de forma global, trazendo para a vida cotidiana um grande desafio (RODINI et al., 2020). Todas as esferas sociais precisaram passar por adaptações em prol da busca pela contenção do vírus. Isso promoveu o isolamento social e conseqüentemente o fechamento de ambientes públicos e privados. Uma das grandes preocupações diante dessa situação alarmante, é a educação uma vez que seu processo de ensino e aprendizagem foi

interrompido e posteriormente continuado de forma virtual, ou seja, remota (SILVA; SILVA, 2021).

Diante dos negativos impactos observados no processo educativo de alunos e professores do ensino regular, a Sociedade Brasileira de Pediatria destacou a necessidade de uma maior preocupação com os indivíduos com transtornos de desenvolvimento, tais como crianças e adolescentes com TEA, posto que os impactos oriundos da pandemia poderiam prejudicar ainda mais as suas habilidades comunicativas e sociais (CANDIDO et al., 2021).

Surge, portanto, a incerteza e preocupação quanto às ações dos docentes e familiares dos alunos com TEA diante dos recursos e estratégias de ensino utilizadas no contexto da pandemia. Assim, questiona-se: quais impactos da pandemia no processo educativo destes alunos? Diante disso, nota-se que uma discussão elaborada em termos científicos acerca do assunto é sobretudo importante, posto que contribuirá para esclarecer ao público-alvo e à sociedade em geral, a temática abordada. Ademais, este estudo tem relevância social ao se comprometer em buscar resultados que ajudem a incrementar a discussão acerca da aprendizagem da criança autista, fornecendo mais riqueza e versatilidade ao tema.

Dessa forma, objetiva-se de forma geral, entender os impactos ocasionados pelo cenário pandêmico na aprendizagem de alunos com TEA. Como objetivos específicos, tem-se: conceituar o Transtorno do Espectro Autista; levantar impactos decorrentes da pandemia no processo de aprendizagem de crianças autistas; e, investigar práticas pedagógicas voltadas para a promoção de aprendizagem de crianças com TEA no cenário pandêmico.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A passagem de 2019 para o ano de 2020 revolucionou mundialmente as atividades rotineiras. A princípio, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o contágio por SARS-CoV-2 constituía uma emergência de saúde pública de importância internacional. Em 11 de março de 2020, a OMS anunciou tratar-se de uma pandemia mundial. Três meses e meio após este anúncio já havia quase 10 milhões de casos confirmados de COVID-19 e quase meio milhão de mortes em todo o mundo (WHO, 2020).

O sistema educacional brasileiro em tempo algum vivenciou um momento tão complexo e desafiador como este em virtude da pandemia, principalmente para os educadores que foram submetidos ao sistema de atividades remotas, sendo obrigatoriamente forçados a se adequar e exercer sua profissão em um sistema de atividades online. Diante disso, percebe-se que essa abordagem em consequência da situação atípica vivenciada pelas instituições escolares, e até mesmo os sistemas econômico e político do país sofrem alterações importantes, defrontam-se com a limitação da demanda, decorrente do isolamento social, que os fazem buscar ideias para se reinventarem e continuarem ativos em suas atividades (MOREIRA, 2020).

Martins (2020) afirma que a situação da pandemia trouxe novas e velhas preocupações e reflexões sobre o campo da educação, incluindo as condições de trabalho dos professores, a qualidade do processo de ensino, a relevância e o significado dos conteúdos que precisam ser abordados. Diante disso, é preciso compreender os problemas e dificuldades do ensino em emergências e expressar as considerações daqueles intelectuais mediadores que estão na linha de frente dessa luta, tentando compreender suas percepções e vivências dos momentos hostis enfrentados pela educação como um todo.

Cabe ressaltar, conforme aponta Trovão (2020), que o ensino remoto emergencial difere da modalidade de Educação a Distância (EAD), pois a EAD conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, por meio de diferentes mídias em plataformas online. Segundo a LDB, Art. 80: a educação a distância é a modalidade educacional na qual a mediação didática pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Em contrapartida, o intuito do ensino remoto emergencial não é estruturar um ecossistema educacional robusto, mas ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente.

O ensino remoto emergencial inserido no contexto das problemáticas diversas já vivenciadas nas escolas públicas não permite um ambiente educacional satisfatório para o ensino aprendido, mas sim um retrocesso do muitas das vezes falho sistema educacional tradicional. Nicolini e Medeiros (2021) apontam que o formato de ensino remoto emergencial imposto na realidade escolar da maioria dos alunos brasileiros foi ineficiente. Grande parte dos alunos encontram dificuldades na forma de acessar as

aulas remotas, em decorrência da falta de meios materiais e/ou disponibilização de acesso à internet de qualidade, sendo assim, tornando-se impossível para os discentes terem a oportunidade de acompanhar adequadamente as aulas.

Logo, Leme (2021) destaca que a condição de baixa renda de grande parte dos alunos das escolas públicas e a desigualdade/falta de acesso à internet de boa conexão e devido a diversos fatores como falta de um local adequado disponível para os estudos, deixa claro as dificuldades impostas ao ensino remoto de qualidade.

Cabe destacar que o regime remoto emergencial se refere à realização das tarefas pedagógicas de forma temporária e pontual com o uso da internet. A finalidade desse tipo de método é minimizar os impactos na aprendizagem dos estudantes advindos de sistema de ensino originalmente presencial, aplicadas neste momento de crise. Consequentemente, essas aulas remotas são uma medida emergencial provisória organizada para desempenhar as demandas educacionais de ensino diante da necessidade do distanciamento social. Nesse tipo de regime, a coordenação pedagógica e os professores estão à mercê dos limites impostos pelo uso dos meios tecnológicos e ao contato superficial nas aulas online com os alunos (DAROS, 2020).

Dentro do ensino remoto, teve-se o desenvolvimento de atividades síncronas, as quais são uma alternativa fundamental na qual professores e estudantes devem se conectar sincronicamente como ocorre nos dias e horários das aulas presenciais. Essa condição apesar de parecer uma mudança simples na rotina anteriormente estabelecida nas aulas presenciais, não o é. A falta de interação presencial, da leitura de linguagens corporais em sala e a intermediação do contato por aparelhos tecnológicos cria a necessidade do amplo domínio de ferramentas tecnológicas que auxiliem e contribuam no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, tanto pelos estudantes como pelos professores (MANGUEIRA et al., 2020).

É necessário ressaltar que muitas escolas públicas, tanto estaduais quanto municipais antes da pandemia não utilizavam nenhuma plataforma ou ambiente virtual de aprendizagem, o que reforça os desafios e a exclusão social no sistema de ensino remoto. Portanto, destacam-se como imprescindíveis as discussões sobre: a vulnerabilidade social e a democratização do acesso à internet e tecnologias digitais, a desvalorização e intensificação do trabalho docente, a resignificação dos conceitos de distância e de ensino e o novo paradigma da educação (MARTINS, 2020).

Os docentes, frente a essa situação imposta depararam-se com uma situação de falta de preparação, planejamento ou organização, no que diz respeito à

instrumentalização e à formação para o uso de outras ferramentas para que fossem oferecidas alternativas de extensão da rotina escolar no ambiente doméstico em canais virtuais (FERREIRA; BARBOSA, 2020).

Nesse sentido, Farias e Silva (2020) evidenciam que:

os professores, sentem-se desafiados com essa nova modalidade de ensino, muitos deles, sentem-se perdidos em meio a tantos recursos disponíveis e ainda sobrecarregados por estarem desenvolvendo atividades diferentes de toda a sua vida profissional e acadêmica. Professores que tinham pouco ou nenhum contato com tecnologia precisaram começar a planejar aulas mediadas por telas junto a seus coordenadores pedagógicos, ao mesmo tempo em que descobrem sobre o funcionamento de ferramentas tecnológicas. Não é só uma questão de saber ou não usar a tecnologia ou de os alunos terem ou não computador em casa. A questão é que ninguém estava preparado para tamanhas mudanças em seu cotidiano de vida pessoal e profissional (FARIAS; SILVA, 2020, p. 1)

Assim, percebe-se o quão desafiador é para o professor atual compartilhar mudanças complexas e enigmáticas. Por estarem vivenciando esse processo de ensinar e de aprender, os docentes precisaram repensar o ensino dos conteúdos, bem como criar atividades e avaliações a partir de ferramentas digitais e isso tem gerado muito trabalho, pois além de ensinar em tempo real (síncrono online), tem que adaptar todo o material a ser explorado. O planejamento pedagógico em situações atípicas exige resolução criativa dos problemas, demandando transposição de ideias tradicionais e proposição de estratégias pedagógicas diferenciadas para atender à demanda dos estudantes e professores (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020).

É importante destacar que os alunos precisam ter autonomia e consciência do seu papel como estudantes, compreender que o ensino remoto é modalidade de ensino promissora, essencial, que atribui de fundamentos que também podem contribuir no seu processo como futuros cidadãos éticos, social e ambientalmente responsáveis, com criticidade e autonomia. Assim como nas aulas presenciais, os estudantes devem desprender-se do papel passivo, de meros receptores de informação, que lhes foi atribuído por tantos séculos a educação tradicional, para assumir um papel ativo e de protagonistas da própria aprendizagem. Portanto, é fundamental dar autonomia de estudo e de iniciativa para os estudantes aprenderem (FILATRO; CAVALCANTI, 2018).

Então, pode-se perceber que o contexto educacional frente ao ensino remoto emergencial expõe numerosas objeções que requerem muita articulação pedagógica, planejamento e reflexão da realidade no contexto social e econômico de toda

comunidade escolar, para desenvolver estratégias e soluções que ajudem a minimizar as problemáticas impostas nesse cenário (FERREIRA et al., 2020).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Considerando sua natureza, este estudo pode ser classificado como pesquisa básica, cuja definição é apresentada por Prodanov e Freitas (2013) o qual afirma que a pesquisa básica busca o aprofundamento de algum tema científico que já tenha sido estudado previamente por alguém. Em relação a seus objetivos, classificar-se como exploratória.

Com relação a seus procedimentos técnicos, isto é, a forma pela qual foram obtidos os dados essenciais para elaboração da pesquisa, tratar-se de uma pesquisa bibliográfica. Segundo Prodanov; Freitas (2013), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de materiais já publicados, sendo constituída, sobretudo, de: revistas, livros, artigos científicos, monografias, dissertações, teses, entre outros.

Nessa perspectiva, foram utilizados artigos publicados escolhidos mediante seguintes critérios: artigos completos com identificação de autoria e data de publicação. Como critério de exclusão, foram eliminados artigos incompletos, resumos, pesquisas consideradas sem confiabilidade científicas ou que não apresentavam relevância para o tema debatido.

Cabe ressaltar, que a coleta se sucedeu na base de dados do Pubmed, na base de dados do Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES. É importante destacar que esta revisão se amparou no arcabouço metodológico proposto pelos pesquisadores Arksey e O'Malley (2005), de modo que as etapas foram organizadas da seguinte forma: 1) Identificação dos objetivos de pesquisa; 2) Identificação dos estudos importantes que viabilizassem a abrangência dos objetivos adotados; 3) Seleção dos artigos conforme critérios estabelecidos; 4) Mapeamento dos dados; 5) Sumarização dos resultados através de análises temáticas; 6) Apresentação dos resultados.

Todos os estudos encontrados foram incluídos no software EndNote. Posteriormente, os artigos duplicados foram excluídos. Destes, após a leitura do título e resumo, foram excluídos aqueles que não forneciam elementos que atendessem aos objetivos desta revisão. Notavelmente, quando a relevância de um estudo não era

clara a partir do resumo, leu-se o texto completo a fim de verificar se os autores abordavam adequadamente a questão de pesquisa. Os artigos restantes foram lidos na íntegra.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, a Constituição Federal – CF 1988; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 – LDB e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 – ECA; ratificam o direito à educação de todos, com base em documentos que deixam claro que é dever do Estado assegurar que crianças e adolescentes recebam educação pública básica, obrigatória e gratuita, bem como atendimento educacional especializado para pessoas com problemas especiais, preferencialmente na rede formal de ensino. Por sua vez, a Declaração de Salamanca (1994) oferece orientações sobre as características da educação especial e a necessidade de adaptar as abordagens educativas à subjetividade das crianças com problemas especiais.

Desse modo, a inclusão busca despertar na sociedade uma nova forma de olhar para as pessoas com características diferenciadas, estabelecendo uma visão democrática de justiça, equilíbrio de oportunidades e acesso à cidadania. Assim, Dias e Abreu (2021) apontam que quando observamos que as pessoas com problemas especiais são cronicamente excluídas e impedidas de usufruir das oportunidades educacionais disponíveis para aqueles que têm acesso à educação, pode-se inferir que deve haver um pré-requisito igualitário para a reestruturação inclusiva, com o mister de garantir o acesso, permanência e condições de estudo para todas as populações em idade escolar.

Além disso, percebe-se que a situação pandêmica afetou a vida das crianças, mudando o equilíbrio que existia antes, permitindo que a ansiedade que havia diminuído emergisse. Riberio e Lustosa (2022), ao empregar objetos autísticos como exemplos ilustrativos, apresentou estratégias usadas por crianças autistas diante da angústia causada por encontros com outras pessoas ou eventos inesperados após à pandemia, dando uma dimensão do impacto deste evento sobre a vida das crianças.

Assim, ter de lidar com uma multiplicidade de tarefas, interações prolongadas com a família, falta de um ambiente a que está habituado e distanciamento das pessoas que estas crianças integraram nas suas vidas, constitui alguns dos desafios que se colocaram para as crianças. Absorver tudo o que aconteceu em tão pouco

tempo exigiria uma vontade maior dos envolvidos. E as pessoas com autismo tendem a demorar mais para se adaptar a novos hábitos. A quebra da rotina teve impactos emocionais e comportamentais que precisam ser enfrentados (BARBOSA et al., 2020).

Ademais, Barbosa et al., (2020) também chamam a atenção para o problema da quebra de rotinas e o trabalho árduo de adaptação de crianças com autismo a novas rotinas. Esta tarefa exigiu dos pais tempo, dedicação, compreensão e persistência. Além disso, os pais também trabalharam remotamente em consonância com as medidas de contenção do vírus, ou seja, apesar de estarem em casa a tempo inteiro, tinham atividades laborais a realizar, o que dificultava a gestão do tempo.

Nesse caso, o ensino a distância tornou-se a opção mais segura no combate ao coronavírus, com a obrigatoriedade de professores regulares e de educação especial. No entanto, Cunha; Silva; Silva (2020) concluíram, com base na análise de documentos de várias diretrizes do Ministério da Educação do estado brasileiro, que o ensino a distância é de fato muito excludente. Nas palavras do autor:

Os resultados evidenciaram que o ensino remoto é excludente e agrava a qualidade da educação pública e a desigualdade educacional, em razão de não garantir a aprendizagem, a qualidade e o direito e/ou a igualdade de acesso à educação para todos os estudantes. Logo, os sistemas educacionais têm um grande desafio no pós-pandemia: o de reparar as perdas acarretadas pelo formato escolar dessa conjuntura. Isso demanda investimentos substanciais na Educação Básica, planejamento e uma organização cuidadosa do trabalho pedagógico (CUNHA; SILVA; SILVA; 2020, p. 27).

Os autores também levantaram a hipótese de que o ensino remoto emergencial, sem levar em conta as desigualdades socioeconômicas do cenário educacional brasileiro, agravou a situação dos alunos em risco de vulnerabilidade social, recomendando o aprimoramento e o ajuste de políticas públicas educacionais que levem em consideração esses indicadores sociais (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020).

O processo de inclusão de alunos com autismo na pandemia de Covid-19 criou dificuldades e impactou o processo de aprendizagem desses alunos. Diante disso, Cardoso (2021, p. 24) afirma que:

Igualmente, esse modelo de ensino para criança com TEA merece atenção, porque, ao produzir aulas virtuais e utilizar as ferramentas tecnológicas como recurso para transmissão de conhecimento, o professor deverá levar em consideração as características individuais de cada criança. Isso envolve uma série de fatores: o nível de atenção da criança; os níveis de habilidade de

desenvolvimento; e vários estímulos sensoriais envolvidos e como ela responde a tudo isso; a falta de flexibilidade cognitiva; a dificuldade para imitar comportamentos; a incapacidade para estabelecer contato visual e seguir as instruções.

A autora supracitada acredita que na realização de educação a distância ou *online* para crianças com autismo é necessário levar em consideração os aspectos individuais, atenção e habilidade desses alunos, pois muitas pessoas se distraem facilmente e o processo de aprendizagem é difícil. Essas dificuldades exigem que os professores tenham habilidades para lidar com essas situações para que as crianças com autismo fiquem mais atentas em sala de aula, já que a dificuldade em fazer contato visual é uma característica dos autistas.

Assim, no modelo de ensino remoto, os professores tiveram que abordar o comportamento dos alunos autistas diante da tecnologia, principalmente os problemas visuais diante da tela, que é um problema difícil tanto para professores quanto para os pais, o que certamente prejudicou o aprendizado. Desse modo, o professor teve que trabalhar com o aluno para diminuir sua ansiedade, gerar mais atenção, estimular o reforço positivo, tudo isso para tornar os alunos mais focados no processo de aprendizagem (SOUSA, 2022).

Destarte, para superar o que foi estabelecido, buscaram-se estratégias para tentar reduzir as disparidades criadas durante o período crítico da pandemia, e essa reflexão se faz necessária. Confirma-se o ponto de Franco e Franco (2020) de que durante uma pandemia os alunos com TEA podem ter ficado parcial ou totalmente isolados, observando o que se passou com os outros alunos da escola, sendo necessário levantar a possibilidade de garantir inclusão educacional e a inclusão social que vem com ele, mesmo a longo prazo.

Portanto, Cury et al., (2020) enfatizam que manter-se conectado durante o distanciamento social seria um fator essencial para o retorno bem-sucedido à escola de alunos com TEA, dadas as demais recomendações para as ações descritas acima. Enfatizar o senso de participação e pertencimento é um princípio da inclusão escolar.

Ainda segundo os autores supracitados, o ideal seria proporcionar primeiro uma rotina de acolhimento e retorno às aulas para os alunos autistas. Ouvir e acolher os alunos é essencial para desenvolver programas pedagógicos e individualizar planos instrucionais que garantam que suas necessidades de formação sejam atendidas, que

haja equilíbrio e equidade de oportunidades para obter condições e permanência de qualidade no sistema de ensino.

Ao referir-se aos alunos autistas no contexto da pandemia, a situação é agravada porque eles já apresentam comportamentos associados ao transtorno do espectro do autismo, como dificuldades sociais, barreiras linguísticas pós-conversaçoão, manutençoão de pouco contato visual e comportamentos de repetiçoão, que foi ainda mais exacerbada pela pandemia de Covid-19, muitas vezes deixando pais e escolas se perguntando como equilibrar esses comportamentos durante o ensino em casa e remotamente (CARDOZO; SANTOS, 2020).

O que é comumente visto na literatura ou escutado dos pais, professores e demais profissionais sobre o comportamento de crianças e adolescentes com autismo durante a pandemia é que eles apresentam déficits no domínio social, marcados por dificuldade de interaçãoo, interesses restritos e movimentos repetitivos, além de agressividade, alteraçõoes nas dificuldades rotineiras, alteraçõoes na sensibilidade, impulsividade e inquietaçoão, distúrbios do sono, choro excessivo, birras incontroláveis, ansiedade, etc. (ECHAVARRÍA-RAMÍREZ;DÍAZ-REYES; NARZISI, 2020).

Segundo Silva e Oliveira (2022), essas características ou sintomas, como as dificuldades sociais, que é uma característica das pessoas com autismo, e foi acelerada de alguma forma na pandemia de Covid-19, bem como agressividade, inquietaçoão, falta de controle emocional, dificuldade de mudança, etc., tem gerado preocupação entre pais, escolas, professores e profissionais de saúde, pois afeta não apenas o desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem, mas também a saúde mental desses alunos autistas.

Outro fator comportamental para esses alunos autistas foi a depressão e a angústia, conforme descrito por Amaral e Vries (2020), que sugeriram que os autistas estavam respondendo à pandemia e descobriram que os alunos com TEA tinham maior probabilidade de apresentar depressão, angústia, ansiedade e estresse, o que poderia exacerbar problemas comportamentais. Esses pesquisadores citam diferentes países e constataram em estudos empíricos que esse fenômeno está associado à pandemia, que leva a mudanças comportamentais, principalmente ao aumento da ansiedade e do estresse, e está fortemente associado ao isolamento social.

Com o fechamento das escolas na pandemia e as rotinas alteradas devido às medidas de distanciamento social, pais ou responsáveis tiveram que limitar as

brincadeiras, tudo dentro de casa, ou seja: aulas online e brincadeiras em um espaço limitado. Famílias de crianças com autismo sentiram-se desamparadas aumentando também o estresse, conforme destacado por Colizzi et al., (2020), num estudo com crianças autistas na Itália, Turquia e Estados Unidos durante a pandemia de COVID-19, mostrando que as famílias se sentiam desamparadas, com aumento do estresse e da ansiedade, pois estarem sozinhas na tarefa de regular todas as atividades da criança e do adolescente autista, a exigência criava uma tensão interior difícil de controlar.

Esse desamparo por parte do estado e até da escola contribuiu para o aumento do estresse e da ansiedade, o que prejudicou não só o processo de aprendizagem desses alunos autistas, mas também a sua convivência. É verdade que a família é o alicerce da escola, que se empenha em controlar os traços mais impulsivos da criança, mas só a família ficou sobrecarregada (CARVALHO; FINAMORI, 2022).

Visto isto, Espinosa et al., (2020) observaram que os principais problemas comportamentais negativos estavam relacionados às interações, incluindo comportamentos como isolar-se e evitar os outros. Entre eles, durante o período de isolamento, pais ou cuidadores de alunos com autismo relataram que seus filhos eram pouco cooperativos, tinham mais estereótipos, eram irritáveis e tinham mais dificuldade de se relacionar. É certo que o principal efeito da pandemia de Covid-19 no comportamento dos alunos com autismo foi isolamento social, que prejudicou gravemente o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor e de socialização, dimensões fundamentais para o desenvolvimento destes alunos com autismo na vida intelectual e social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, foi possível identificar os problemas escolares vivenciados por crianças com autismo no contexto da pandemia uma vez que aprendizagem foi afetada drasticamente e o convívio entre professores e outros alunos havia sido interrompido, graças ao isolamento. A falta de um ambiente escolar para estimulação regular dos alunos com autismo, teve consequências cognitivas e sociais negativas. As atividades oferecidas e não adaptadas ao espaço familiar, e a falta de preparo e capacitação para os professores foram alguns dos problemas que surgiram.

Diante dessa complexidade, o processo de integração desses alunos autistas ficou prejudicado devido às dificuldades a priori que pais e professores vivenciaram em lidar com tais comportamentos dos autistas, como irritabilidade, ansiedade, estresse, agressividade e isolamento social no processo de aprendizagem desses alunos.

Com as mudanças repentinas que foram impostas em virtude da pandemia pelo pouco tempo de adaptação do sistema de ensino não só no Brasil, mas mundialmente e a falta de meios tecnológicos adequados pode ter gerado atrasos no aprendizado dos alunos autistas bem como a falta de recursos financeiros dos pais, também contribuiu a carência dos alunos sem acesso à internet, tornando-se necessário impressão de atividades relativa às aulas, atrasando ainda mais o aprendizado desses alunos. Ainda a partir de estudos, alguns pesquisadores acreditam que as famílias ficaram desamparadas e sobrecarregadas devido ao aumento da ansiedade e do estresse ou até mesmo de algum desamparo interno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, David; DE VRIES, Petrus. COVID-19 and autism research: Perspectives from around the globe. **Autism research**, v. 13, n. 6, p. 844-869, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/aur.2329>. Acesso em 29 abr. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. Manual diagnóstico e estatístico de transtorno 5 DSM-5.[Internet]. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Priscila Maria Mororó; ROSADO, Adélia Carneiro da Silva. A importância do profissional de psicopedagogia na inclusão de crianças autistas na sala de aula. **Porto Alegre: Cinted**, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2018/TRABALHO_EV110_MD1_SA6_ID2116_30072018141747.pdf. Acesso em 21 de abr. 2023.

BARBOSA, André Machado et al. Os impactos da pandemia COVID-19 na vida das pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro**, v. 24, n. 48, p. 91-105, 2020. Disponível em: <http://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/revistasjrj/article/view/656>. Acesso em 29 abr. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Planalto, [on-line]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 29 abr. 2023.

CANDIDO, Eliane Aparecida Piza et al. Aluno com o transtorno de espectro autista em tempos de pandemia: uma revisão sistemática. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 8, n. 9, 2021.

CARDOZO, Paloma Rodrigues; SANTOS, Andreia Mendes. A criança com TEA: o ingresso no ensino fundamental em meio a pandemia. **Brazilian journal of development**, v. 6, n. 7, p. 46193-46201, 2020. disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/13113>. Acesso em 29 abr. 2023.

CARVALHO, Bianca Retes; FINAMORI, Sabrina Deise. As temporalidades do cuidado: autismo, parentesco e pandemia. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, p. 173-199, 2022. disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/d3cQCz9SVPxpqfHL647Qkxc/abstract/?lang=pt>. Acesso em 29 abr. 2023.

COLIZZI, Marco et al. Psychosocial and behavioral impact of COVID-19 in autism spectrum disorder: An online parent survey. **Brain sciences**, v. 10, n. 6, p. 341, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/733484>. Acesso em 29 abr. 2023.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40014>. Acesso em 29 abr. 2023.

CURY, Carlos Roberto Jamil et al. O Aluno com Deficiência e a Pandemia. **Instituto Fabris Ferreira**, p. 2020-07, 2020.

DAROS, Thuinie. Covid-19 **impulsiona uso de metodologias ativas no ensino a distância**. 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-metodologias-ativas/>. Acesso em 21 de abr. 2023.

DIAS, Adelaide Alves; SANTOS, Isabelle; ABREU, Adams Ricardo Pereira. Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil. **Zero-a-seis**, v. 23, p. 101-124, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8121800>. Acesso em 29 abr. 2023.

ECHAVARRÍA-RAMÍREZ, Luis; DÍAZ-REYES, Diana Verónica; NARZISI, Antonio. Trastorno del espectro autista: pautas para el manejo durante el periodo de aislamiento social por el coronavirus. **Cuadernos de Neuropsicología/Panamerican Journal of Neuropsychology**, v. 14, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.cnps.cl/index.php/cnps/article/view/397>. Acesso em 29 abr. 2023.

ESPINOSA, Francesca et al. A model of support for families of children with autism living in the COVID-19 lockdown: Lessons from Italy. **Behavior Analysis in Practice**, v. 13, n. 3, p. 550-558, 2020. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1007/s40617-020-00438-7>. Acesso em 29 abr. 2023.

FARIAS, Christianne Torres Lira; SILVA, Valdson Davi Moura. A importância da tecnologia na Educação em tempos de pandemia. **I Simpósio Sul-Americano de Pesquisa em Ensino de Ciências**, n. 1, 2020. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/SSAPEC/article/download/14432/9620>. Acesso em 21 de abr. 2023.

FERREIRA, Denise Helena Lombardo et al. Processo de ensino e aprendizagem no contexto das aulas e atividades remotas no Ensino Superior em tempo da pandemia Covid-19. **Revista práxis**, v. 12, n. 1sup, 2020. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/3464>. Acesso em 21 de abr. 2023.

FERREIRA, Luciana Haddad; BARBOSA, Andreza. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15483>. Acesso em 21 de abr. 2023.

FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina Costa. **Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. Saraiva Educação SA, 2018. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KnCwDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Metodologias+inovativas+na+educac%C3%A7%C3%A3o+presencial,+a+dist%C3%A2ncia+e+corporativa.+&ots=6W0YsH0Bui&sig=tMPHDHboOV6rHmuxxNM3qldyBpE>. Acesso em 21 de abr. 2023.

FRANCO, Liliane Repinoski; FRANCO, Lília Sizanowski. Educação Especial: reflexões sobre inclusão do estudante com deficiência em tempos de pandemia. **Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração**, p. 179-192, 2020.

LEME, Lucas Tavares. Educação na pandemia: limites e desafios socioeconômicos para a formação educacional de alunos de baixa renda. **Faces da Produção Acadêmica**, p. 338-346, 2021. Disponível em: https://www.claudiofontesadm.com/files/ugd/e28ce7_744706a799744e9db936d1786e55eeb9.pdf#page=338. Acesso em 21 de abr. 2023.

MANGUEIRA, Liane Franco Barros et al. Saúde mental das crianças e adolescentes em tempos de pandemia: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, p. e4919-e4919, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4919>. Acesso em 21 de abr. 2023.

MARTINS, Ronei Ximenes. A covid-19 e o fim da educação a distância: um ensaio. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/620>. Acesso em 21 de abr. 2023.

MOREIRA, Antônio; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista uFG**, v. 20, n. 26, 2020. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10642>. Acesso em 21 de abr. 2023.

NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. Aprendizagem histórica em tempos de pandemia. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 34, p. 281-298, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/y8vR5W3t6YRvnRk4fWdM54y/?format=html>. Acesso em 21 de abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca, ES: 1994, [on-line]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 29 abr. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zUDsAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=prodanov+e+freitas&ots=dc31bhA7BQ&sig=lquqM-alhDb_WWNMgtXiqAR4_Ho. Acesso em 21 de abr. 2023.

RIBEIRO, Joane Lopes; LUSTOSA, Ana Valéria Marques Fortes. Tecnologia assistiva: atendimento educacional especializado de alunos com autismo na pandemia. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 8, n. 3, p. 667-688, 2022.

RONDINI, Carina Alexandra et al. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>. Acesso em 21 de abr. 2023.

SILVA, Antonio Vinícius; OLIVEIRA, Gleiciane Maria Gonçalves. Inclusão e adaptação do aluno com autismo nas aulas on-line em tempos de pandemia Inclusion and adaptation of the student with autism in on-line classes in times of pandemic. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 3, p. 17550-17561, 2022. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/m57b7pb32jfsxao4r7xb47u6vu/access/wayback/https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/45037/pdf>. Acesso em 29 abr. 2023.

SILVA, Maria José Sousa da; SILVA, Raniele Marques da. Educação e ensino remoto em tempos de pandemia: desafios e desencontros. in: congresso nacional da educação, 7., 2021, Maceió. **Anais [...]** Maceió: Realize, 2021. p. 1-3. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2020/ebook3/TRABALHO_EV140_MD7_SA100_ID1564_06092020174025.pdf. Acesso em 21 de abr. 2023.

SILVA, Rosicleia Mendes. Diagnóstico de opções práticas de esporte para pessoas com autismo. **Revista Ciência da Sabedoria**, v. 1, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revista.faciencia.com.br/index.php/rcs/article/view/35>. Acesso em 21 de abr. 2023.

SOUSA, Elma Pereira. OS impactos da pandemia do covid-19 na educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da aprendizagem do aluno com transtorno do espectro autista (TEA). **Facit Business and Technology Journal**, v. 4, n. 39, 2022. Disponível em: <https://jnt1.websiteseguro.com/index.php/JNT/article/view/1943>. Acesso em 29 abr. 2023.

TROVÃO, Cassiano José Bezerra Marques. Programas emergenciais e pandemia: impactos sobre a massa de renda e a desigualdade no Brasil a partir de um recorte macrorregional. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 16, n. 4, 2020. Disponível em: <https://rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/download/5992/1043>. Acesso em 21 de abr. 2023.

WHO. **World Health Organization**. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novelcoronavirus-2019>>. Acesso em 21 de abr. 2023.